

O PROFESSOR: DA LITERATURA AO DESENHO ANIMADO

Nivaldo Medeiros Diógenes¹

Resumo

Com a obra de Maria Ondina Braga, mais especificamente com o livro de contos *A China fica ao lado*, discuti-se as significações que a figura do professor sugere. Isso porque, visto como um traço biográfico da autora ter exercido a docência, muitas de suas personagens são professores também. Dessa forma, intenciona-se refletir o processo de criação da imagem do professor, no Oriente, e contrapô-la à que se tem testemunhado no Ocidente. Para tanto, utilizam-se algumas imagens de professores que são ridicularizados, na cultura ocidental, por meio de desenhos animados, sugerindo tal figura negativamente e sem relevância social.

Palavras-chave: Pós-modernidade, Literatura, Desenho Animado, Imagem, Professor.

Abstract

With the work of Maria Ondina Braga, more specifically with the storybook *China is next*, we discuss the meanings that the figure of the teacher suggests. This is because, seen as a trait of biographical author has carried out teaching, many of his characters are teachers too. Thus, we intend to discuss the process of creating the image of the teacher in the East, and to contrast it to what we have witnessed in the West. To this end, we will use some images of teachers who are ridiculed in Western culture through cartoons, suggesting such a figure without adversely social relevance.

Keywords: Post-Modernity, Literature, Cartoon, Photography, Teacher

A literatura é uma fonte privilegiada no oferecimento de possibilidades para que a vida seja compreendida plenamente, mas também recipiente em que se deposita a chave para um redirecionamento do que se tem feito até o momento.

Por isso, algumas personagens tornam-se significativas à medida que suas atitudes modificam de forma polar o cenário em que se encontram, diferentemente de uma realidade em que tal postura radical além de estar sujeita a não ser compreendida, também está sujeita à coerção.

Um dos principais valores culturais que a sociedade pós-moderna difunde é o estado de conformismo com o que se tem, retirando a responsabilidade do sujeito e direcionando-a para as oscilações de mercado. Dessa forma, acrescentando-se ainda o

¹ Doutorando na Área de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

temor ante a mudança de vida, a admiração e a identificação que o público assume perante esses seres ficcionais radicais só pode cada vez mais crescer.

Por outro lado, a literatura também apresenta outro tipo de personagem, passivo e impotente, por exemplo, Josef K., de *O Processo*, em que o seu autor Franz Kafka, também consegue despertar uma identificação, já que não são poucos os que não desenterram “do coração, a faca”, para que se cortem os liames sociais, culturais ou até mesmo os pessoais.

Nesse sentido, o exercício aqui proposto de se debruçar sobre os contos de Maria Ondina Braga em que os professores são personagens significativos é, também, uma via para que se apresentem alguns traços comparativos entre o universo ficcional e a realidade profissional docente brasileira. Nessa última, há uma constante afirmativa, ainda que fundamentada no senso comum, em que a docência está falida, e na ficção, tem-se algo diferente? Ainda pretende-se contrapor a imagem do professor projetada pela ficção literária à dos desenhos animados que, por sua vez, são extremamente corrosivos, negatizando ainda mais uma já caótica imagem de tal profissional.

O professor, contemporaneamente, atua sobre um palco cujas luzes escondem elementos cênicos que, por sua vez, restringem um melhor desenvolvimento do papel representado, mas também cooperam para que não se perceba a presença dos liames que controlam os movimentos desse profissional. Nesse sentido, o pano de fundo do palco, ora cômico, mas quase sempre dramático, reforça a ambientação necessária para uma carreira em derrocada, principalmente pelos interesses de uma ideologia que direciona a luz, protegendo o desvelamento de sua identidade e garantindo a sua condição de diretor no controle social.

Maria Ondina Braga sai de Portugal em 1950 para estudar idiomas em Crambridge e Paris. Exerce a docência de língua portuguesa e inglesa em Luanda, Goa, Macau e Pequim. E, possivelmente, tal experiência fornece-lhe o material para a construção do livro de contos *A China fica ao lado*, publicado em 1968.

A primeira imagem de professor sugestionada no livro de Maria Ondina Braga está posta no conto *O espelho*, nele a voz narrativa parece ser a de uma professora que posiciona o leitor ante uma situação de conflito entre uma diretora e a misteriosa professora de literatura, Miss Carol.

Pequena e magra, Miss Carol, mestiça de chinesa e inglês, embora mal passasse dos trinta anos, dir-se-ia nunca ter sido nova. Lembro-me do seu cabelo escorrido e ralo, da pele macilenta, da boca recta. Lembro-me dela ao piano da sala de visitas. Entrava a directora. Os dedos

finos e leves de Miss Carol corriam o teclado. A directora sorria formal. Os dentes brancos e grandes da directora. As teclas de marfim. Miss Carol levantava-se, de rompante, fechava o piano com estrondo, saía sem falar (BRAGA, 1982, p. 23).

O comportamento arredo parece justificar uma condição diminuta que a professora Carol não pode alterar, até mesmo porque as suas capacidades físicas, “pequena e magra”, reforçam a impraticabilidade de tal ação. Nesse sentido, a presença de um radicalismo ante a hierarquia parece estar a serviço de proteção do verdadeiro motivo que justifica a puerilidade da ação da professora Carol, ao sair “de rompante” “sem falar” e que ainda não é conhecido pelo leitor. A aproximação entre as teclas do piano e os dentes “brancos e grandes” da diretora remete a uma dimensão de monstruosidade, utilizada para causar um efeito de temor por uma presença indesejada já que os dentes aludem à imagem caótica do cosmos em desordem² que, para a cena analisada, pode estar encrustada na opressão de uma mulher sobre outra.

No entanto, o narrador chama a atenção do leitor para o fato de que a personagem Carol é uma pessoa ligada profissionalmente à literatura. Dessa forma,

Os ódios da professora de Literatura eram longos e tortuosos como o corredor que desembocava no pátio menor. Aí, Amah fervia em caldeirões de ferro raízes e folhas para remédio. Para remédio ou para feitiço. As duas entendiam-se bem, cochichavam em chinês, riam. O riso de dentes estreitos e amarelos de Miss Carol e o de Amah de chapas de ouro. (Ibidem, 1982, p. 24).

O sentimento desencadeado pela professora Carol, portanto, já era conhecido, uma vez que, pelo fato de atuar junto à literatura, os seus ódios percebiam-se como intensificados, “longos e tortuosos”. Além disso, um novo traço é acrescido à imagem da professora, ou seja, a vinculação com a personagem Amah. Surgem novos ares para o conto, isto é, uma sensação de bruxedo à medida que a voz narradora explicita um conhecimento da personagem Amah, quanto às artes de produção de chá, tanto para “remédio ou feitiço”. Assim, fica sugerida a ideia de que Carol encontra nessa amizade a possibilidade de vingar-se da diretora e, na mesma medida, intensifica a imagem da professora como uma mulher diferente e, por isso, causadora de uma insólita curiosidade que é revelada ao leitor pelo narrador.

Eu perguntava a mim mesma se ela não teria família, relações, um namorado. Nunca a via sair à noite ou ir ao cinema com amigos. Sua vida na biblioteca, a dar aulas, a estudar piano. Deslocava-se três vezes por ano a Hong-Kong para exames no Conservatório. (p. 24)

² Gilbert Durant aponta que a mordedura de algumas espécies animais, e consideramos aqui o humano também, aludem ao temor ante um tempo destruidor.

Há uma preocupação revelada com a condição de vida da professora Carol, que se fundamenta em uma necessidade instituída socialmente à mulher, ou seja, estar acompanhada de um homem, no conto, “um namorado”, ao menos. O contrário disso, então, serve como argumento ao narrador para que se explique a ausência da família da professora e, logo, intensifique-se a sensação de solidão e, simultaneamente, o alargamento das dimensões do quarto da professora, tornando-o espaço propício para que se guarde um insólito segredo.

No entanto, toda a gente sabia que o quarto de Miss Carol era forrado de espelhos. Não que ela alguma vez nos convidasse a entrar. Entrevíamos-lo de passagem, pela porta casualmente meio aberta. Além do espelho do tocador, uma série de espelhos quadrados na parede, com iniciais ou um nome em caracteres sínicos. A mim aquilo intrigava-me. (p. 24).

Há, aqui, uma contravenção em relação à personagem que deixa de ser alvo de suspeita e repudia, passando à condição de tresloucada, já que os diversos espelhos pendurados, cujo uso é ignorado pela voz narradora, conduz a imagem da professora para uma dimensão de pessoa fora do comum, e essa condição é a responsável pela curiosidade também do leitor ao querer descobrir o possível segredo que Miss Carol traz consigo.

Como se sugeriu, o quarto é ambientado como um espaço de segredo, uma dimensão interna da personagem, cujo ar misterioso guarda uma provável explicação para as práticas de Miss Carol. Dessa forma, a coleção de espelhos, reforçada pelo fato da professora não frequentar “a capela do colégio porque era anglicana” (p. 25), integra o rol de pistas e suspeitas colecionadas pela voz narradora – gostar de um professor budista, e não poder se casar com ele pela diferença de credos; ser filha de freira; o pai confiara à tutela do colégio a educação da filha, sumindo depois disso.

Diante de tal quadro em que a solidão ganha corpo e se agrega à personagem, a ambientação de bruxedo vai se esvaindo à medida que se desvela que o descontentamento de Miss Carol com a diretora residia no fato de essa última descontar “exageradamente” no ordenado o que se gastara com a educação – as aulas no Conservatório. Dessa forma, toda a investigação que o narrador faz, conduzindo a uma possível inquisição a esse comportamento insólito é, na verdade, um recurso para que o leitor se surpreenda com o isolamento vivido pela personagem Carol – “nunca uma chamada telefônica para a professora de literatura Inglesa” (p. 25), nem visitas, apenas um espelho a mais todos os anos, ou seja, a quantidade aparentemente excessiva de

espelhos é uma via para aplainar o caos da vida plena em solidão. Uma alternativa para que o vazio do quarto fosse preenchido com outras pessoas, ainda que sejam o próprio eu, refletido por diversas vezes concomitantemente em todos os cantos.

Ainda se revela o fato de Miss Carol escrever novelas românticas como uma terapia, afastando-a da loucura. Nesse sentido, a discussão com a diretora ganha nova significação, pois, quando ocorria, Miss Carol transformava-se novamente em “uma figura humana”, mesmo triste, pobre e só. Há, portanto, por detrás do desvelamento da condição de vida da professora, mesmo pelo isolamento que o trabalho exerce e a moradia em uma terra distante, um traço da condição humana em que a solidão é um preço que se paga pelo conhecimento.

E, ao final do conto, enquanto resolução para a vida da personagem, a citação feita a Shakespeare da obra *Rei Lear – My love is more richer than my tongue!* –, mais a faquinha de osso que corta a pele da batata-doce que se colava aos dedos, deixando-os com a cor de sangue, sugere uma dramática saída de cena para a professora de literatura inglesa Miss Carol, principalmente, para a vida.

Já no conto *O filho do sol* a solidão é recuperada uma vez mais, porém acrescentando um novo traço, a escola como um claustro, posto que no colégio em que a narrativa se desenvolve “as meninas pobres, as que não tinham família onde passar as férias, uma ou outra professora solitária” (p.63) não tinham alternativa e, por isso, o espaço se transforma.

No desaconchego do salão, à luz das velas do presépio, o reduzido grupo de professores e alunas, meio cerimonioso, meio hostil, confraternizava a custo. (p. 63)

Assim, a escola torna-se, mesmo no mundo do oriente ficcional, como uma obrigação a ser cumprida sem a possibilidade de recusa, uma vez que as condições financeiras desses que constroem tal espaço inviabilizam uma mudança. Veja-se, por exemplo, isso no conto *Os Lázarus*, em que se tem uma lembrança reconstruída ante alguns sujeitos desprovidos financeiramente. E um deles fornece material para adensar a imagem do professor.

Recordava amigos da avó, também gente sem eira nem beira: o professor, quase macróbio, meia dúzia de pelos escorridos do queixo, palavras douradas (sabia versos que lhe ensinara); a mulher que de dia vendia banha de cobra e de noite falava com os espíritos dos antepassados. (p. 75)

A questão financeira que envolve a profissão docente também aflora na literatura. Nesse fragmento selecionado, a condição de um sujeito “sem eira nem beira”,

enquanto característica de uma moradia sem atributos que justifica a condição econômica, trazida à lembrança por pessoas amigas da “avó”, ou seja, a duração da vida desse antepassado, já concretiza a falência salarial desse profissional há muito tempo.

Contudo, esses pontos que se apresentam na obra da autora portuguesa em nenhum momento são utilizados para que se deprecie a própria imagem do professor ou da escola.

No conto *A morta*, tem-se a seguinte descrição:

Numa tarde sufocada de tufão, enquanto as professoras do colégio jogavam *ma-jong* e trincavam pevides de melancia na sala do lar, com as persianas corridas, as portas trancadas, ventoinhas e leques refrescando, Mei-Lai convidou-me a descer ao claustro. (p. 103)

A descrição volta-se à sensação de calor da sala, dando margem ao desvelamento da situação vivida pela mulher no contexto social. Tem-se a apresentação de uma falsa noção de “lar”, teoricamente aconchegante. Em contrapartida, o que se mostra é uma rotina de trabalho, como a da dona de casa, por exemplo, simultaneamente a uma pena imposta pela sociedade: o exercício da profissão de professora atende a um decoro desejável para a mulher que se aventura no mundo do trabalho dominado por homens. Nesse sentido, dar aulas às crianças parece caber melhor à mulher posto que já lhe fosse nata à maternidade, e ao homem tal profissão já não mais desperta interesse posto que historicamente a chegada da mulher a uma posição, amiúde, representa o abandono de interesse do homem por essa mesma posição. Contudo, ganha corpo a sugestão em que a escola seja também, bem como o trabalho, um aprisionamento.

Ao se tentar uma aproximação entre as significações que a literatura possibilita e a realidade da profissão docente, o que se tem testemunhado não está, no entanto, tão distante. No caso de Maria Ondina Braga, já se apresenta a questão salarial, a ausência para uma qualidade de vida razoável, a necessidade de se cumprir o que a sociedade pré-estabelece aos cidadãos, casar, por exemplo.

Agora, observando alguns desenhos animados, também como uma espécie de produção artística feita para crianças e fonte de educação informal, a imagem do professor atinge uma forma bastante preocupante.

Literalmente, a vilania tem acompanhado não poucas personagens que são professores, fazendo com que o espaço escolar, anterior a uma vivência, seja compreendido como um lugar bastante deturpado, até mesmo adjetivado como “chato”, segundo os próprios alunos.

Cita-se, agora, um pequeno grupo de animações em que o professor é, a rigor, o próprio vilão.

No desenho *Jake Long, o dragão ocidental*, temos o professor Zureta (é o professor de mitologia mal humorado que acredita que criaturas mágicas existem, assim acaba sendo menosprezado por todos). Além de continuamente querer tomar os poderes do dragão de seu próprio aluno Jake Long.



Figura 1 – Professor Zureta

Fonte: Google imagens

Já em *Padrinhos mágicos*, Denzel Crocker, também é o professor e é um arqui-inimigo de Timmy, o protagonista. Além disso, é maluco e obcecado por fadas e seu hobby como professor é distribuir notas "F" para seus alunos. Da infância à fase adulta teve como padrinhos Cosmo e Wanda, mas os perdeu graças ao nascimento de Timmy, que, por sua vez, lembrou a existência dos padrinhos mágicos a Denzel, fazendo com que a memória do professor fosse reativada e o desejo de reaver as entidades mágicas.



Figura 2 – Professor Denzel Crocker

Fonte – Google imagens

E, por fim, no desenho *Monster High*, tem-se um conjunto amplo de professores que são seres fantásticos, mas que, em boa medida, muito mais depreciam a figura do professor bem como a da escola.

O Sr. Corte, professor de Ciência Maluca, assemelha-se a um carrasco britânico, com seu sotaque, avental de açougueiro, a máscara de couro e com um armário repleto de armas.

O Sr. Lou Zarr, é o substituto e o único humano da história. Ele é duro, sem humor, intransigente sobre a educação. Suas lições são sempre muito “chatas” e tendem a colocar os alunos, e também a si mesmo, para dormir. Escusado será dizer que seu nome é um jogo óbvio sobre a palavra "Loser", ou seja, perdedor.



Figura 3 – Professor Lou Zarr

Fonte – Google imagens

O Sr. Rotter, professor de línguas mortas, não tolera brincadeiras, mas quando há, submete seus alunos a castigos físicos e cobra pela expulsão dos alunos subversivos.

Em suma, vê-se que a imagem do professor ainda está presa a um profissional fracassado, solitário e sem qualquer relevância. No entanto, causa muita surpresa e até mesmo receio a condição de vilania que alguns desenhos animados projetam como imagem do professor, fazendo com que o mesmo, anterior à criança estar na escola, já seja compreendido como um sujeito “chato”, bem como a escola um espaço a não se querer estar. Nesse sentido, ainda é a literatura um veículo capaz de trazer, mesmo sob a forma de um olhar de senso comum, a possibilidade de se discutir a caótica, histórica e continuamente solapada profissão de professor, ainda que se obscureça a sua importância para a sociedade enquanto um mero trabalhador.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRAGA, Maria Ondina. *A China fica ao lado*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1982.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad: Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.